

Redacção, Administração e Tipografia  
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar  
LISBOA—PORTUGAL  
TELEFONE 539 TRINDADE  
Officinas de Impressão e Esteriotipia  
RUA DA ATALAIA, 114 e 116  
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

# A BATALHA



Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA  
Editor: CARLOS MARIA COELHO  
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO  
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores  
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, mês 9\$50; Província, 3 meses 28\$50; África Portuguesa, 6 meses 66\$00; Estrangeiro, 6 meses 102\$00  
PAGAMENTO ADIANTADO

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2369

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

SÁBADO, 21 DE AGOSTO DE 1925

## As proesas de Inocêncio, Mota Gomes e Norton de Matos de sociedade com Alves Reis

**Revela-se uma burla de notas de 1.000 escudos, tipo «Luís de Camões», que Inocêncio retirou da circulação e demonstra-se que os processos empregados pelo Banco de Portugal neste negócio são tão reles como os que empregou para a emissão das de tipo «Vasco da Gama».**

**Citam-se várias ocasiões em que Norton de Matos se banqueteu com Alves Reis e as entrevistas que tiveram na embaixada de Portugal na Grã-Bretanha.**

**Demonstra-se que a investigação não descobriu porque não quis as estreitas relações que Alves Reis mantinha com Inocêncio Camacho, governador do Banco de Portugal.**

**Conta-se como Alves Reis enriqueceu e como os seus períodos de prosperidade coincidiam com as datas das emissões fraudulentas de notas lançadas no mercado pelo Banco de Portugal.**

Afirmámos nestas colunas mais duma vez que os homens do Banco de Portugal e políticos altamente cotados, andaram sempre de braço dado com Alves Reis. Os miseráveis que a sôda da finança nos acusam de defender Alves Reis, ainda até hoje não demonstraram que as nossas acusações não eram a expressão da verdade, nem tão pouco provaram que as notas que o Banco de Portugal tem emitido, por portarias surdas, contratos especiais, cartas e não sabemos se por bilhetes postais; como afirmou no século o último ministro das Finanças, Filomeno da Câmara, não eram falsas.

Sabíamos há muito que todos os inocências do Banco de Portugal tinham enriquecido tão depressa como enriqueceu Alves Reis.

Sabíamos que o Banco de Portugal possuía o direito de emitir notas representativas da moeda nacional e também não ignorávamos que os seus directores tomaram para si o poder exclusivo de emitir notas falsas, para socorrer as suas algebeiras, os seus amigos e empresas, sem que para isso fossem atingidos pelo código penal, porque a força corruptiva dessas emissões, fazia suspender o artigo 206 do código penal, que condena os moedeiros falsos, que não sejam detidos pelas acções do Banco de Portugal.

Em vez de se instaurarem processos contra os inocências do Banco de Portugal e colocá-los no lugar a que têm direito, pelo que estipula o citado artigo 206 do código penal, os governos usaram o processo até hoje desconhecido em matéria criminal, de elogiar criminosos no Diário do Governo, para que o Banco de Portugal possa tentar subtrair à casa Waterloo uma indemnização, que os directores do Banco sabem muito bem que não podem receber.

Deixa-se, por todas as formas, tapar os olhos ao povo roubado e sacrificado pelos homens da finança, mas a Batalha não permitirá que os olhos do povo trabalhador suportem a venda da mentira.

Queremos seleccionar os homens de bem dos homens que nos roubam, sejam eles Alves Reis ou Inocêncios.

E' nessa missão grandiosa e despresando todos os ultrajes da finança vil e corrupta, que fazemos a análise serena, desapassionada de factos verídicos e documentados, para os quais chamamos toda a atenção dos que trabalham em Portugal.

**O que o processo não contém**

Acusámos, nestas colunas, o ex-embaixador em Londres, general Norton de Matos, de ter tido interfeccção directa na emissão clandestina das notas Vasco da Gama.

Sabíamos que Norton de Matos mantinha as mais íntimas relações com Alves Reis. O imparcialíssimo juiz Alves Ferreira a sôda de António Maria da Silva e do Banco de Portugal, não atendeu ao que lealmente expozemos ao país, e ainda ouviu servir-se de Norton de Matos, para apurar as responsabilidades dos homens do Angola e Metrópole.

Não nos admiramos, porque todos aqueles que imparcialmente apreciaram as investigações do Angola e Metrópole viram, com clareza, que se pretendia, custasse o que custasse, salvar as pessoas de grande vulto, autores da emissão clandestina Vasco da Gama, e transferir todas as responsabilidades dos autores, para os intermediários do grande negócio, Alves Reis e seus amigos, sem categoria política ou financeira.

Sereneamente aguardamos que esse aborto a que os investigadores chamaram processo do Angola e Metrópole e que o dr. Menano das guitarradas e tricanas de Coimbra criou e baptizou contra todos os seus princípios da Moralidade e da Justiça saísse da sua fase secreta. Ainda é cedo para se precisarem todas as irregularidades praticadas durante as investigações, com o propósito firme de ocultar as responsabilidades de Camacho, Mota Gomes, Norton e outros, mas já se sabe, para honra da justiça portuguesa, que depoimentos desapareceram do processo e que documentos foram roubados, porque os autos de apreensão mencionam número diferente para mais, de documentos apreendidos, dos que se encontram actualmente no processo.

Mas além de roubos, de substituições de depoimentos e de toda a tralalhada que o público dentro em breve saberá, durante oito meses, não houve tempo para o Inspector dos tribunais e juiz do Supremo Tribunal de Justiça, dr. Alves Ferreira, investigar as ligações de Alves Reis com todos os políticos portugueses e especialmente com o general Norton de Matos.

**Os amigos de Alves Reis**

O relatório de Crispiniano da Fonseca, que de conta e ordem do Banco de Portugal, foi em passeio de investigações policiais ao estrangeiro, acompanhado do célebre Lúis Viegas dos Cambios, para inutilizar as provas que podessem existir contra o Banco de Portugal, Norton de

Matos e outros, demonstra inofensivamente quais as intenções do director da Polícia de Investigação.

E' natural que os srs. investigadores gostassem imenso do relatório Crispiniano da Fonseca, porque neste processo do Angola e Metrópole se habituaram a dar interpretação contrária a todos os documentos e escritas.

Como se pode compreender que Nuno Simões fosse para a cadeia por ter recebido 1400 acções da Empresa Mineira do Sul de Angola e de ser citado por Alves Reis como amigo, num telegrama, e Norton de Matos que recebeu 3000 acções da mesma Empresa e que Alves Reis também considerava amigo num telegrama que o Diário de Notícias publicou, ande livremente passeando nas ruas de Londres e com categoria de homem honrado?

São princípios muito especiais em que assentaram os investigadores e que o sr. Crispiniano não justifica no seu relatório.

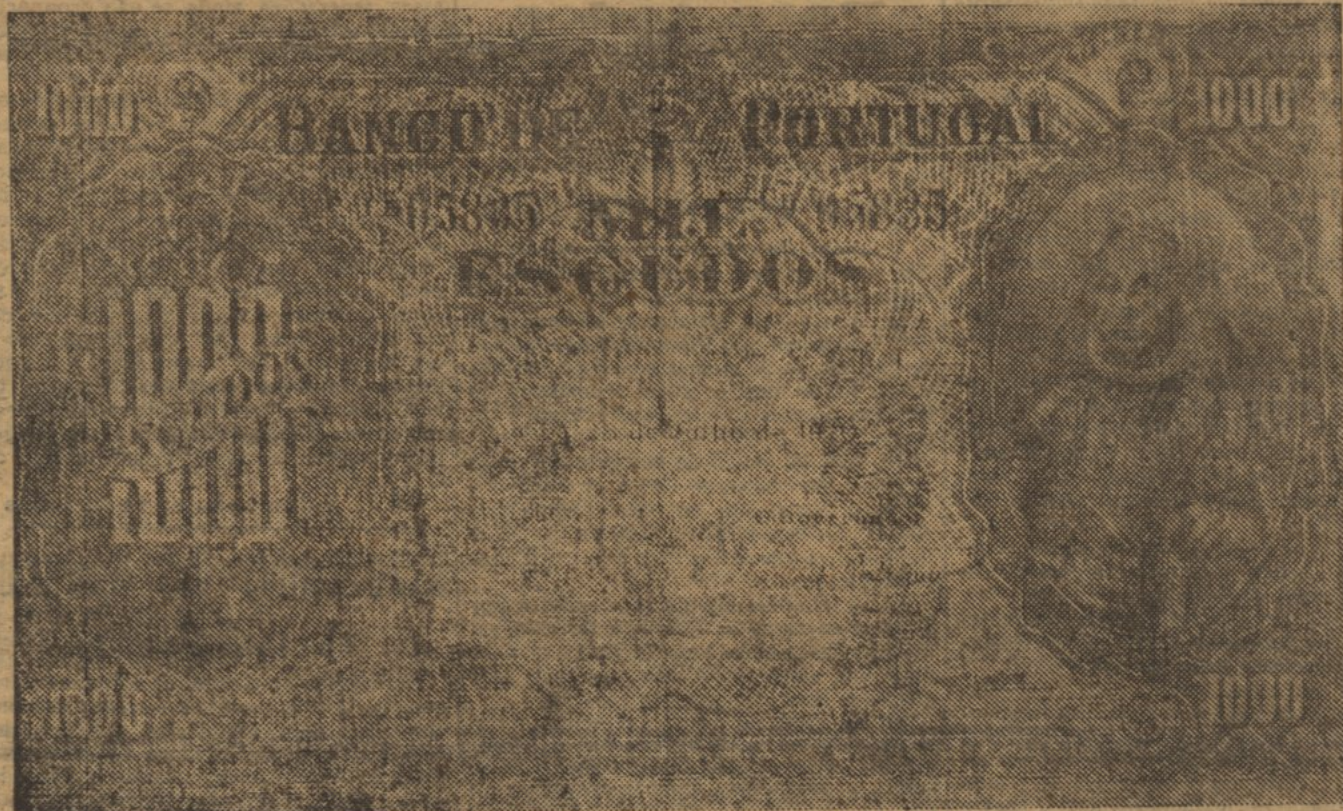
Nós lemos o relatório e não invertimos o seu sentido, porque felizmente não é esse o nosso hábito. Não duvidamos da assinatura do sr. Crispiniano nem precisamos que o hábil dr. Azevedo Neves faça o seu exame grafológico, para provar que o relatório é do sr. Crispiniano, principal encobridor dos responsáveis da burla do Angola e Metrópole-Banco de Portugal, e desleal chefe de Pinto de Magalhães. Lemos, releamos e só nos custou a acreditar que Crispiniano seja director da Polícia de Investigação de Lisboa.

Vejamos por hoje, a prova que o relatório faz contra Norton de Matos.

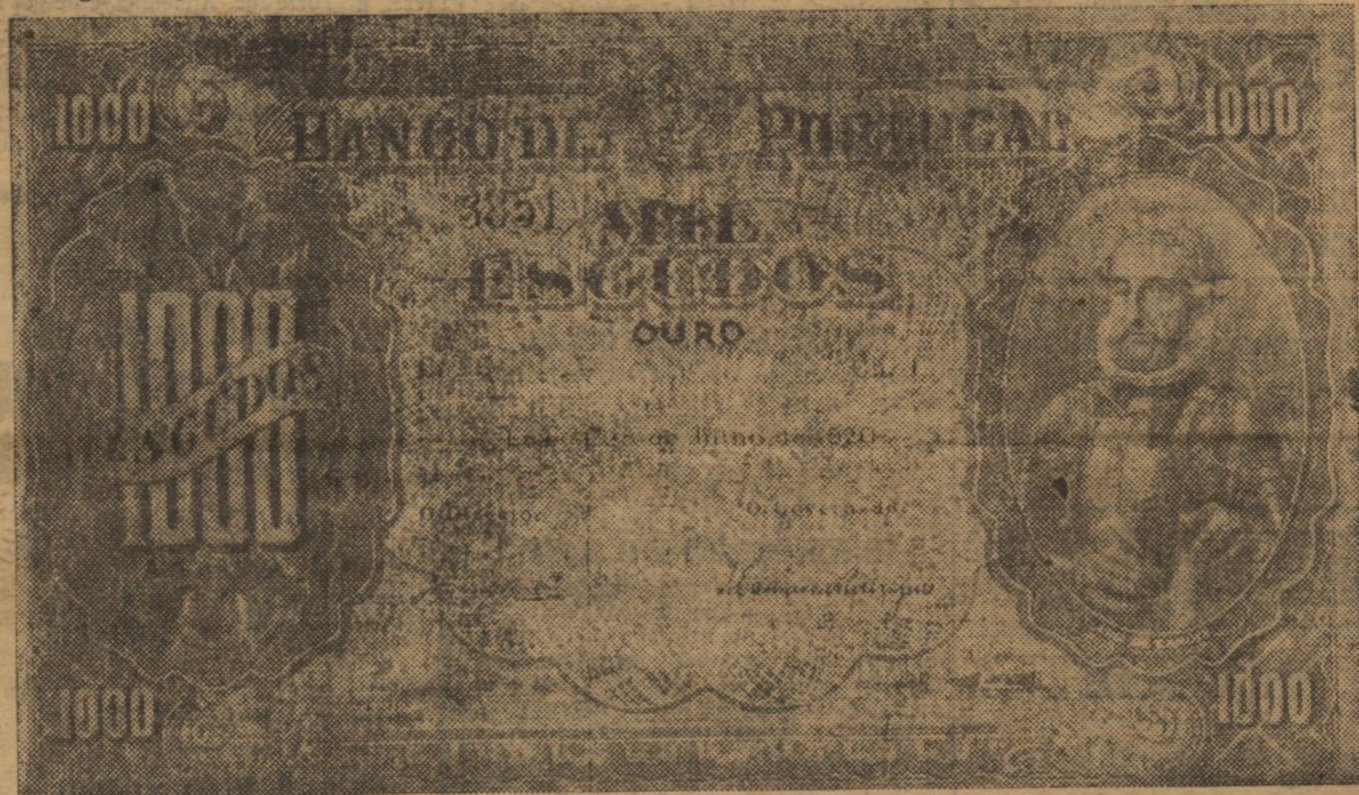
Entre os vários documentos, que a grande imprensa trouxe a público, após a pronúncia dos arguidos que a investigação esco-

faz os mais rasgados elogios. Meses depois o padre João Soares, no Diário do Governo, como ministro das Colónias, após a situação sidonista, chega-lhe de alto a baixo, porque o supõe sidonista.

mais. Vivía luxuosamente em Lisboa, numa rica casa da Avenida António Serpa, 26, grandioso prédio onde também habitava Tomás Fernandes, amigo de Alves Reis, da Companhia das Minas do Bembe e ex-agente



Nota n.º 1, que não tem designação «ouro»



Nota n.º 2, onde estampavam à pressa a designação «ouro»

leu como cabeças de turco do Angola e Metrópole, apareceu um relatório, bem escrito, do já conhecido conhecido chefe Pereira dos Santos, que mal sabe fazer o seu nome, e no qual se afirma que desde Junho de 1925, uma rigorosa e hábil investigação se fez aos homens do Angola e Metrópole.

Como se compreende, que sendo o chefe Pereira dos Santos, subordinado do sr. Crispiniano, este mesmo Crispiniano desconheciasse em Dezembro de 1925 as ligações de Alves Reis com Norton de Matos, depois da rigorosa e hábil investigação de tão hábil e conhecido Pereira dos Santos?

Que investigações foram essas que não levaram os hábeis agentes e chefes policiais, a saber que Alves Reis, enriqueceu rapidamente em 1921 e não em 1925 como agora se pretende provar?

Era indispensável que desaparecessem todas as ligações de Alves Reis com Camacho, para que se não podesse afirmar que Alves Reis tinha tido intervenção em quaisquer outras emissões.

**A história de Alves Reis**

Não somos políticos, não precisamos de louvores do governo nem do dr. Alves Ferreira, porque os louvores só são para pessoas da categoria de Crispiniano e de Pereira dos Santos, mas vamos provar que é fácil averiguar o que há de verdade na vida de Alves Reis e das suas ligações com políticos e financeiros.

Alves Reis, pobre, serviu como engenheiro nas Obras Públicas e Caminhos de Ferro de Angola, ocupando interinamente o elevado cargo de Inspector de Obras Públicas. Foi demitido a seu pedido por Filomeno da Câmara em 1919, com uma portaria em que Filomeno da Câmara lhe

Em 1921, aparece Alves Reis rico, pôde de rico. Sócio de várias empresas. Em 1920 fez Inocêncio Camacho uma das suas emissões secretas.

Em 1922 e 1923 Alves Reis enriqueceu

te da extinta e célebre Agência de Angola. Desde 1921 Alves Reis sempre teve automóveis e vivia como um roceiro de Angola.

Coincidência fatal: Alves Reis enriqueceu sempre que há emissões clandestinas.



Nota n.º 3, que tem a designação «ouro» em tipo diferente

com a casa Waterloo a segunda emissão de notas Vasco da Gama, ainda Norton se banqueteu com Alves Reis no Carlton Hotel, como em tempos afirmámos nas nossas colunas, e Alves Reis passou horas na embaixada em Londres em várias conferências, que oportunamente relar emos.

**Como se fazem os relatórios**

Depois do que escrevemos e que, facilmente, qualquer dos nossos leitores pode averiguar da sua veracidade é interessantíssimo transcrevermos um bocadinho de outro do relatório de Crispiniano:

«Pelo que lhe ouvi, o sr. Norton de Matos estava inteiramente convencido de que os contratos tinham sido falsificados; não era, porém, esta, positivamente, a opinião corrente, pois de outra forma não se compreende a inércia e hesitação da polícia inglesa.»

Por esta ocasião foi entregue à mesma polícia o seguinte questionário pelo coronel Lucas foi traduzido em inglês:

2.º—Como se compreende que aquela casa, que certamente teve conhecimento pelos jornais e, possivelmente pelo seu agente em Lx.º (Walker) de que os indivíduos que com ela haviam contratado, Marang, Alves Reis e Bandeira, eram reputados uns escroques, não preveniu os Directores do Banco da existência de uns contratos com a sua casa relativos ao fabrico de 580.000 notas?

Como podia o Director da Polícia de Investigação de Lisboa, que em Junho de 1925 tinha mandado fazer uma hábil e rigorosa investigação sobre a vida de Alves Reis, ignorar as suas relações íntimas com Norton de Matos?

Como podia o Director da Polícia de Investigação de Lisboa, que dá pelo nome de Crispiniano, fazer honestamente a casa Waterloo um quesito de tal natureza, quando Alves Reis em 1924 e em Julho de 1925 se banqueteara com Norton de Matos em Lisboa e Londres?

Como podia a casa Waterloo supor que Alves Reis era um escroque, mesmo que o sr. Walker, seu agente em Lisboa, fosse muito melhor polícia do que Crispiniano e o informasse que de facto Alves Reis era um escroque, se Norton o embaixador em Londres, o recebia na embaixada e com ele jantava no Carlton Hotel?

Como queria Crispiniano que a casa Waterloo e a hábil polícia inglesa o tomasse a sério?

Crispiniano, foi para eles um simples palhaço equilibrista no difícil arame que ligava o Banco de Portugal e Alves Reis à Embaixada de Londres.

Crispiniano menciona no seu quesito um contrato relativo ao fabrico de 580.000 notas, quando esse contrato em poder de Waterloo autorizava apenas a impressão do máximo de 400.000 notas.

Que bonita figura fez Crispiniano em Londres às ordens do Banco de Portugal. Supunha Crispiniano que a polícia inglesa desconheciasse as ligações de Alves Reis com o nosso embaixador em Londres, Norton de Matos?

Supunha Crispiniano que Marang não era conhecido em Londres, amigo íntimo de French, com o qual tratava em Londres a colocação dum empréstimo para a Albânia?

Vejam os senhores polícias os telegramas enviados de Londres para Lisboa a Marang nos princípios de 1925, sobre o empréstimo que Marang desejava fazer à Albânia.

Como podia sr. Waterloo tomar a sério o tal chefe de polícia, quando ele, Waterloo, sabia muito bem das relações de Alves Reis e Marang com Norton?

Vejam o povo trabalhador em que ridículo cairam os grandes investigadores na capital inglesa.

E ainda Crispiniano se mostra admirado e lamenta a pouca atenção e auxílio que lhe deu a polícia inglesa. Muita sorte teve o sr. Crispiniano em não ficar a ferros da polícia inglesa, com a companhia sublime do Grande Embaixador Norton de Matos, que a estas horas bem deve abençoar a ingenuidade do grande director da nossa polícia de investigação.

**Como se representa uma farsa**

Como o sr. Crispiniano é novato e pouco conhece o estrangeiro, lembremos-lhe aqui, que é perigoso e mesmo muito perigoso brincar com a polícia inglesa e outra vez que seja encarregado de não investigar outra qualquer emissão clandestina, não passe a Mancha, não vá a Londres, porque já deve estar no Livro Preto desde Dezembro de 1925...

Quando os senhores dos governos corruptos e financeiros das mesmas espécies e temperas queiram representar outra farsa, como a do Angola e Metrópole, que só é tragédia para aqueles que estão a ferros, muitos, empregados do Angola e Metrópole, e debatendo-se já na miséria, recomendamos-lhes que não entreguem os principais papéis a principiantes, mas a actores do peso de Inocêncio Camacho, Mota Gomes e outros.

Assim talvez consigam ludibriar o públi-



## Povo trabalhador: não esqueças que A BATALHA necessita urgentemente do teu auxílio

Continua o proletariado a afirmar o seu carinho e interesse pela existência de *A Batalha*, tão ameaçada pela grande crise económica que atravessa. Pouco a pouco surgindo queles que avolumam a grande subscrição aberta em favor deste jornal.

Parece-nos, entretanto, que não seria de má tactica organizar-se comissões nas oficinas, nos campos e em várias localidades que tomassem a peito colher a maior soma de donativos possível.

Assim, mais proveitosa seria a colheita e mais vantagens se obteriam para alcançar o objectivo que o povo trabalhador, num esforço heroico, mais uma vez se propoz: salvar *A Batalha*.

Hoje, sábado, não deveriam os trabalhadores esquecer-se—ao receber a sua fêria, de destinarem alguns escudos ou mesmo centavos ao seu órgão na imprensa que tão periclitante se encontra.

Não achamos possível que o proletariado não reconheça que a desaparição de *A Batalha* seria indirectamente um triunfo da burguesia capitalista e para o povo trabalhador uma perda irremediável.

Seria uma voz rebelde e esclarecedora que se calaria. E os crimes—que não são poucos—do capitalismo não mais seriam conhecidos do público, pela falta de uma imprensa forte capaz de revelá-los.

Tem sete anos de existência este jornal. Quantos crimes grandes e pequenos, quantos escândalos na burguesia, na finança e na politica, desde a data da sua fundação até hoje vem revelando *A Batalha*, incessantemente!

Quantos não terá ainda para revelar!

E' preciso, pois, que *A Batalha* não morra porque a sua existência é já tão necessária ao espírito como o pão para o estomago do trabalhador expoliado.

Operários, não deixeis morrer *A Batalha*.

co, mas com homens da força de Crispiniano, Alves Ferreira e Menanos estragaram tudo.

Desminta o o Banco de Portugal o que acabamos de afirmar.

Mas se ainda há um pouco de honra nesta terra, publique-se o relatório do ex-embaixador Norton de Matos, sobre os nomes da Angola e Metrópole, em que Norton afirmava que Marang tinha um crédito no Westminster Bank de Londres de libras 1.000.000.—Que interessante não seria para o povo trabalhador e mesmo para a finança, fazer a comparação do relatório do Norton, quando o ex-embaixador era amigo íntimo de Alves Reis, com o relatório do engenheiro e juiz Crispiniano.

Teria o famigerado Vasco Borges, roubado o relatório do Ministério dos Estrangeiros?

Não nos admiramos, porque conhecemos o celebre negócio que Vasco Borges roubou à casa Armstrong, quando ministro, após o 19 de Outubro, e os presentes que o *ilustre homem de bem* e ex-ministro dos estrangeiros recebeu.

Cria o Sr. Vasco Borges que não o esqueçamos a seu tempo, terá o seu quinhão.

**A emissão das notas "Luís de Camões"**

Dizemos que Alves Reis tinha participado noutras emissões clandestinas e que enriqueceu sempre que essas emissões se davam e mantemos essa afirmação.

Vêja bem o povo trabalhador as fotografias das notas de 1000 esc, elige Luís de Camões, que publicamos.

A nota número 1 da série ID n.º 05835 é da mesma chapa e da mesma série ID da nota n.º 2 ambas datadas de 28 de Julho de 1920 e portanto da mesma emissão. A nota n.º 2 tem a palavra *ouro* porque essa nota é representativa da moeda ouro. A nota n.º 1, não tem a designação da espécie metálica que a garante. Os directores do Banco de Portugal sabendo perfeitamente que essas notas representavam apenas um roubo ao Estado, em proveito das suas alibeiças, não lhe imprimiram a espécie metálica que em face dos seus contratos com o Estado, só podia ser a de *ouro ou prata*. E' portanto a nota n.º 1 uma nota com curso legal no País? Não, senhores do Banco de Portugal.

Esse papel, que os senhores imprimiram com o valor nominal de 1.000 escudos sem que nele incidissem a espécie do seu encaixe metálico, é uma *burla* tão grande ou maior que a do Angola e Metrópole.

Mas o crime maior ainda não é o que acabamos de revelar.

Repare bem o povo trabalhador nas Notas n.º 2 e 3.

A palavra *ouro* da nota n.º 2 foi impressa com um tipo de letra muito diferente da mesma palavra *ouro* da nota n.º 3.

E' fácil explicar a diferença de tipos de letra em notas dum Banco, em que os directores cada dia assinam de sua mão.

O Banco de Portugal, aliás, quando Alves Reis revelou os segredos do Banco, recolheu a toda a pressa as notas de mil escudos, Luís de Camões, e na sua Estamparia mandou imprimir a palavra *ouro* em todas as notas que a não tinham, para assim tapar a fraude cometida.

Mas, senhores do Banco de Portugal, apesar de habéis criminosos, deixam sempre bem gravadas as impressões dos seus crimes.

Peçam ao *hábil* dr. Azevedo Neves, amigo íntimo do Banco, comparsa nos almoços do Tavares rico e do Avenida Palace, que invente uma qualquer avaria da máquina impressora, com a mesma simplicidade com que o mesmo dr. inventou no seu relatório a explicação da triplicação de notas de 500 escudos «Vasco da Gama».

Há notas Vasco da Gama em triplicado e quem sabe quantas mais edições haverá. Não somos nós que o afirmamos é o *hábil* dr. Azevedo Neves que o diz no seu relatório.

Vejamos: «Século» de 8 do corrente. Relatório do dr. Azevedo Neves.—Notas triplicadas.

1.º As 69 notas que foram enviadas para exame repartem-se em 3 grupos de 23 notas. Cada grupo é uma repetição dos outros dois. Cada grupo de 23 notas compreende 15 da serie I H, 4 da serie I L, 4 da serie I X.

2.º A numeração repetida das notas dos segundos e terceiros grupos, pode ser explicada por falta da máquina de impressão dos números da nota precedente para as seguintes, e mantendo-se portanto os mesmos.

3.º Para que a explicação da repetição dos números das notas indicadas na conclusão precedente seja aplicável às notas das series I L e I X (as que têm chancela diferente do director do Banco de Portugal) torna-se necessário que antes delas serem sujeitas à numeração houvesse substituição de notas por estarem os desenhos mal impressos ou defeituosos que essas notas já tivessem impresso o nome do director. A falta de cuidado em escolher notas para substituição com o mesmo nome do director pode ter motivado o facto das chancelas serem diferentes nas duas notas do mesmo número.

Por hoje nada mais precisamos transcrever.

## Esclarecendo uma atitude

Recebemos do Sindicato do Mobilário com o pedido de publicação, a seguinte nota:

O *Anarquista* no seu último número apodera de infame a resolução tomada por este organismo sobre a U. A. P. Para não haver mal entendido vamos esclarecer o que se passou: Há longo tempo que por parte do comité *Anarquista* não era tomado em consideração o que em matéria de respeito mútuo lhe era observado pelo Comité da nossa sede, devido a insultarem frequentemente camaradas filiados neste organismo e a sujarem o gabinete onde se encontravam instalados, sem que para isso tivessem uma razão plausível, visto que só ultimamente lhes foi pedida uma explicação sobre a renda do gabinete e gastos de luz que não pagavam.

Quando a sede teve um confinho, um componente do Comité da U. A. P. afirmou que se lhes não fosse fornecida a chave do gabinete arrombaram a porta, como se se tratasse de autênticos saltadores.

Depois do conflito suscitado na C. G. T. chegou-se à audácia e à infâmia de vaiar alguns componentes dos corpos gerentes deste sindicato, só porque estes discordavam das suas abjectas atitudes.

Foram estas as razões determinantes do nosso procedimento, razões que os do *Anarquista* previdentemente ocultaram.

**Foi preso Miguel Correia**

Miguel Correia, o prestimoso militante da classe ferroviária do Sul e Sueste, foi preso anteontem no vapor do Barreiro, que saiu do Terreiro do Paço, pelas 21 horas.

Encontra-se incomunicável não se sabe onde, nem os motivos da sua prisão e se por acaso os sublevessemos provavelmente não nos permitiriam que os revelássemos.

Estamos convencidos de que a estranha detenção, que a todos os amigos e camaradas de Miguel Correia tanto surpreendeu, não se manterá.

**Para todos**

Chama-se a atenção dos leitores deste jornal para o anúncio que vem na 3.ª página com o título de *Talão Brinde* e se aconselha que guardem o dito anúncio, pois que destes aparecem poucos.

**Uma colónia infantil**

A Colónia Infantil que o Socorro Vermelho vai organizar funcionará conforme as seguintes bases:

1.º A Colónia instalar-se-á na Escola dos Caltrairos do Porto Brandão, durará de 10 a 30 de Setembro, e será constituída pelos filhos dos presos e deportados, ou crianças de suas famílias, que estejam a seu cargo.

2.º Até ao dia 25 do corrente devem as famílias das crianças dirigir-se à sede do Socorro Vermelho, rua dos Fanqueiros, 300, 2.º, D. das 18,30 às 19,30 ou das 22 às 24 horas, a fim de ser feita a inscrição das crianças.

3.º A Colónia Infantil será dirigida por um representante da Comissão de Socorros às Crianças auxiliado por 3 mães que, para esse fim, sejam escolhidas e às quais será atribuída uma remuneração especial.

4.º As crianças serão submetidas a um exame médico, antes da abertura da Colónia, e a outro, quando do seu encerramento, a fim de serem apurados os resultados do estágio.

**Teatro Salão Foz**

Matinée às 3 h. — Soirée às 9, 15 h.

Penúltimas espectaculares das grandes atrações

**SA'CHA' TROUPE**

Sketches, danças acrobáticas, canto, etc.

**RENÉ 1.º**

com a sua maravilhosa coleção de

**CÃES COMEDIANTES**

**PREÇOS ULTRA POPULARES**

2.ª feira: 3 sensacionais estreias 3

**Para o almoço**

Ontem um guarda da esquadra do Caminho Novo prendeu, sem motivo, três rapazes: Américo Pais, Américo Valente e José Bernardo Rocha. Uma vez na esquadra, foi-lhes exigida a quantia de 6000, a cada.

O cabo comentando o caso confessou: — Isto é para o almoço de amanhã. Coitada da polícia, anda tão faminta!...

**FESTAS ASSOCIATIVAS**

**Concentração Musical 24 de Agosto**

Iniciam-se hoje, pelas 21 horas, as grandes festas do mês de Agosto, promovidas pela direcção, e consagradas as transformações operadas na sede. Hoje, sobe à scena o *arreglo* de Veloso Costa, «Sylvio o Cigano» de Despenhação. Realizar-se-á, seguidamente, um baile até de madrugada, com a cooperação do grupo musical dos Bombeiros Municipais: «Amanhã, domingo, efectuar-se-á, pelas 14 horas uma *matinée* dançante, abrihantada a *jazz-band* e à noite, baile.

As festas prosseguirão por toda a próxima semana.

**Teatros**

No teatro Salão Foz apresentam-se hoje em penúltimo espectáculo a «Sacha Troupe», que, desde a sua estreia, vem obtendo os mais justificados aplausos com a exibição dos mais modernos números de baile, danças acrobáticas e de fantasia, ensaiados e dirigidos pela artista Maria Emilia Castelo Branco, e a interessante coleção de cães amestrados, apresentada por Mr. René 1.º, em vários exercícios de acrobacia, números musicais, pequenas comédias, «sketches», etc. Na próxima segunda-feira estreiam-se a camarinha fantástica francesa Marion Vaidora e a bailarina excêntrica francesa Henriette Darny, bem com uma complexista espanhola.

Mantendo-se ainda o extraordinário êxito da linha peca «Os Filhos», do Nacional, Ilda Stichini e Alexandre de Azevedo resolveram demorar por algumas noites a estreia da nova peca «Se eu quisesse...», que de há muito está pronta de ensaios, assim como outra do repertório escolhido. Hoje, novamente «Os Filhos», que é um encantador espectáculo.

## O incidente da C. G. T.

**Repondo as coisas nos seus lugares**

A Comissão de Federações ontem reunida apreciou a nota publicada pela Federação do Calçado, Couros e Peles e a fim de repondo as coisas nos seus devidos lugares resolveu tornar públicos os seguintes reparos:

A reunião convocada por esta comissão apenas faltaram a Federação Ferroviária e o Sindicato dos Chaveiros do Sul, não tendo sido este convidado por um lamentável lapso desta comissão.

Portanto, «as algumas federações» constituída a totalidade, como se poderá verificar pela *Batalha* de 5 do corrente.

Estranhamos que essa Federação considere agora impropriedades as resoluções tomadas na reunião das federações, e a mesma tivesse enviado a sua comissão administrativa portadora de alvitres, e que aprovasse algumas das resoluções tomadas.

As razões por que não se tomaram essas resoluções dentro do Conselho Confederal foram debatidas na reunião das federações e constam do extrato publicado na *Batalha* de 6 do corrente.

Não pretendemos antepor-nos ao Conselho Confederal. E foi dentro da autoridade sindical que nos confere o próprio sindicalismo que tomámos a iniciativa da reunião para a qual, como já dissemos, apenas não convidámos os «chavieiros» por lapso. E não deve pesar o facto, duvidoso, dos delegados da C. S. T. de Lisboa se desinteressarem da questão no Conselho Confederal para se interessarem na reunião de federações, pois que isso igualmente sucedeu com o delegado da Federação do C. C. e Peles que abandonou o conselho e, contudo, tomou parte na reunião de federações.

Julgamos não haver receio de, de futuro, se repitam «os golpes de estado» posto que os delegados integrados na sua missão não ponham diante dela a sua individualidade. De resto, os sindicatos aderentes a essas federações ainda se não pronunciaram em contrário, o que, em boa lógica, significa não haver atentado contra a sua autonomia.

A nossa atitude foi pautada pelo desejo de impedir que a organização se acabasse de desmantelar e, ao serem apresentados os documentos na reunião, foi afirmado claramente que não pretendíamos saltar sobre a autonomia dos restantes organismos. Que as resoluções que se tomassem seriam transmitidas aos organismos da provincia para que sobre elas se pronunciassem e só então, reunidas todas as respostas, se tomaria uma decisão. Esta atitude julgamos-lhe tão clara que por forma alguma se pode prestar a má interpretação voluntária ou não. Quanto à publicação dos extratos da reunião de federações foi-lhe resolvido por unanimidade, inclusive pela Federação do C. C. e Peles.

**A Comissão de Federações**

**Rendimentos dos operários**

**Um trabalhador soterrado**

Na fábrica de Tijolo, da Empresa Cerâmica de Lisboa, na rua Saravia de Carvalho, empregavam-se ontem de manhã vários trabalhadores na extração de barro, num terreno ali existente, quando inesperadamente abateu uma das barreiras, ficando soterrado, o trabalhador Manuel Gomes da Silva, de 28 anos, natural de Arraizede e residente em S. Domingos de Benfica, Calhar n.º 10, o qual ficou muito ferido na cabeça e contuso pelo corpo. Reclamados os socorros da Cruz Vermelha, foi o ferido transportado num auto daquela Sociedade, ao Hospital de S. José, em cujo Banco, foi observado pelos dres. José Paredes e Henrique Ruas, dando entrada depois de pensado, na Sala de Observações.

**Canalisador que caiu dum andaime**

No Banco do Hospital de S. José foi pensado, recolhendo a sua casa, Feliciano Andrade Branco, de 29 anos, natural de Taboá, canalizador, residente na calçada dos Mestres — Olival, pavilhão 3, porta 17, que caiu de um andaime de um prédio da rua 24 de Julho, ficando ferido no rosto e contuso pelo corpo.

**Garropeiro vítima do seu trabalho**

No Banco do Hospital de S. José foi pensado e seguiu depois para casa, Luís Cândido Machado, de 63 anos, natural de Vila Franca de Xira e residente no Pote de Água, Barracas, que caiu de uma carroça quando ajudava a carregar uma carroça na Quinta do Látar, ao Campo Grande.

**Ferrováriário entalado numa máquina**

A Sala de Observações do Hospital de S. José, recolheu Eduardo dos Santos, de 28 anos, ferroviário, natural e residente em Sintra, que, na estação do Rocio, ficou entalado entre o *vade-retro* e o estrado de uma máquina ficando ferido no pé esquerdo.

**O proletariado continua solidarizando-se com a atitude de D. Vitoria Pais**

Não cessam as manifestações de aplauso e solidariedade ao individual protesto da professora D. Vitoria Pais contra a reacção religiosa que procura deturpar a educação infantil. Sente-se que a consciência popular se vai insurgindo contra uma obra desumana, que, por ser feita para maior glória de Deus, se realiza por processos diabólicos. A pesar de viver uma hora de triunfo, a reacção católica, e o diapasão *Novidades*, não conseguiriam, se o tentassem, um movimento de apoio tal que abalasse o protesto de uma minoria aguerida e impulsiva.

Agora, vem a direcção do Sindicato dos Pintores da Construção Naval afirmar as qualidades morais e intelectuais de D. Vitoria Pais, tão infamadas pela imbecilidade de uns professores mentecaptos e moralões, e testemunhar à grande educadora a sua solidariedade no combate ao ensino religioso nas escolas.

A medida em que a superioridade mental de D. Vitoria Pais mais se impõe, o proletariado comunica-lhe uma sincera e efusiva simpatia.

A Federação Nacional dos Operários da Indústria da Construção Civil, na sua reunião do Conselho Confederal, ultimamente realizada, resolveu enviar a D. Vitoria Pais Freire de Andrade um ofício demonstrando-lhe o alto apreço em que foi tomada a sua nobre atitude quando o recente congresso pedagógico, elevou a sua autoridade voz de educadora contra o ensino religioso nas escolas, reafirmando a demonstração científica de que o ensino religioso traz como consequência o embrutecimento dos cérebros infantis.

## ASSUNTOS DE INSTRUÇÃO

### O desenvolvimento da Universidade Livre de Coimbra

COIMBRA, 19.—Na Universidade Livre, instituto de educação popular, realizou-se há dias uma assembleia geral para apresentação de contas e do relatório dos trabalhos realizados durante o ano lectivo de 1925-1926 e eleições dos corpos administrativos para o ano de 1926-27.

O professor sr. Viana de Lemos apresentou à sanção da assembleia o relatório, tendo sido aprovado.

Foi conferido um voto de louvor ao Conselho administrativo cessante, sendo saudados, em especial, os professores sr. Viana de Lemos e Almeida Costa, pelo trabalho e abnegação demonstrados em benefício deste organismo.

As eleições do novo Conselho Administrativo deu o seguinte resultado:

Dr. Aurélio Quintanilha, Alvaro Viana de Lemos, Arnaldo Simões Januário, Florio Henriques, Dr. Carminda Corte Real, Dr. Antero de Seabra, dr. Câmara Leite, major Belizário Pimenta, dr. Lúcio de Magalhães e D. Celeste Telles.

O novo Conselho tomará posse na segunda quinzena de Outubro.

O relatório que foi lido na assembleia é um bem elaborado trabalho da Administração cessante, sendo nele historizados os preparativos da U. L., os trabalhos de educação levados a efeito durante o último ano lectivo, os auxílios que teve etc., etc.

Não podemos deixar de trasladar para aqui um pequeno período em que se fazem referências à classe operária desta cidade e para as quais chamamos a atenção dos operários, por serem absolutamente justas.

E' o que se segue:

«As primeiras sessões da U. L. foram bastante concorridas, e tudo levava a crer que a U. L. viera satisfazer a uma real necessidade do meio. Breve porém, nos sentimentos desiludidos pela relativa falta de interesse do público em geral, e especialmente daqueles para quem a U. L. era destinada — os operários e as classes populares, onde a cultura não abunda. O meio, minado por tacsões que se degradam, explorando os simples, e a desorganização associativa, já imprópria dos tempos que vão decorrendo e de uma cidade como Coimbra, são, juntos com o torpe egoísmo de muitos, as principais causas do nosso pouco sucesso a que não deve deixar de se juntar o teatro, os cafés e o «foot-ball» que absorvem grandemente as horas desocupadas da população de Coimbra».

Como se vê a comissão administrativa da U. L. queixa-se com mágoa do desinteresse manifestado pelas classes trabalhadoras pela obra de cultura que se propôs realizar.

Porque isto é verdade, é da máxima conveniência que o operariado coimbrês modifique a sua atitude de indiferença e acorra no próximo período lectivo às aulas e às palestras educativas, pois com isso lucrará mais, certamente, do que perder o seu tempo em locais onde não só se não instrui, como muitas das vezes se prejudica moral e materialmente.

Durante o período de férias encontra-se a funcionar na U. L. um curso de instrução primária, o qual é dirigido por um nosso camarada académico e que desinteressadamente se prontificou a isso, sendo auxiliado por alguns operários mais instruídos, que dão assim uma bela prova de solidariedade espiritual aos seus companheiros mais atrasados.

Este curso continuará a funcionar depois de férias, mais regido então por um professor.

A inscrição encontra-se aberta todas as noites das 22 às 23 horas, na Universidade Livre, à Torre de Alameda, e de dia na barbearia Januário, rua das Padeiras, 26.

O curso funciona todos os dias das 21,30 às 23 horas, excepto aos sábados e domingos.

Brevemente será aberto também um curso de Esperanto, sendo oportunamente anunciada a inscrição de alunos.

**TIVOLI**

TELEFONE N. 5474

A'S 21 HORAS

**PENÚLTIMA EXIBIÇÃO**

**DIVORCIEMO-NOS**

Comédia em sete partes com Mont e Blue e Maria Prévoist

**TRONO VAGO**

Novela dramática em sete partes com Lewis Stone e Alice Terry

**Uma ciné-farça**

**Revista mundial**

AMANHÃ: Matinée às 3 horas

**Instituto de Medicina Legal**

A autópsia de um oficial da marinha mercante

No Instituto de Medicina Legal, efectuou-se ontem a autópsia do cadáver de Francisco Vieira Dionísio, aquele oficial de marinha mercante que há dias foi atingido por um boião de longa quando falava com uma senhora na travessa dos Mestros, tendo sido a causa da morte fractura do crânio. O seu funeral realiza-se hoje, saindo daquele instituto, pelas 16 horas, para o cemitério dos Prazeres, onde ficará depositado no jazigo municipal.

Um fim de vida que não têm os capitalistas

No Instituto de Medicina Legal, efectuou-se ontem a autópsia no cadáver de João Mesquita, aquele electricista que, como noticiámos, ficou, no dia 16 último, entalado entre dois carros eléctricos na estação de Santo Amaro. O seu funeral realiza-se hoje, pelas 15 horas, para o cemitério do Lumiar.

**Um operário de identidade não reconhecida**

Na morgue deu entrada, ontem à tarde, o cadáver de um indivíduo cuja identidade se ignora. Aparenta ter 35 anos, tipo de operário, o qual foi atropelado por um camião na alameda das linhas de Torres, tendo chegado ao hospital de São José morto.

## 'A Batalha' na provincia e arredores

### Mina de S. Domingos

#### Sociedade mercantilista... de "transportes..."

MINA DE SÃO DOMINGOS, 18.—Já nos referimos em *A Batalha* aos fins mercantilistas da Sociedade de Transportes ultimamente aqui fundada... e para que se não diga que é o espírito da maledicência que nos levou a tornar público o advento da «Sociedade» criticando-a acertadamente vamos dar à estampa um acto que a «honra».

Já dissemos que a «Sociedade» para *cobrar* o *contrato local* comunicou ser constituída por... sabedores da Empresa. No préterito domínio, cogidos por um convite feito pelo sevandija inglês Artur, umas três dezenas de operários foram a Beja tendo alagado o «Caminhão» da «Sociedade».

Uma vez os alagadores em Beja, o «Caminhão» guiado pelo *cobra* accionista da «Sociedade» fez diversas evoluções com o fim de angariar mais alguns «pences», o que deu motivo a declarar-se massaco o *cobra* Zarcos, quando os alagadores pretendiam vir para a Mina!... Só a interferência um pouco acertada do chefe da policia daquela cidade fez pôr a caminho o tal *cobra* a quem não importava que os trinta operários tivessem na maior parte de perder um dia de trabalho devido à sua solenidade e ao pouco interesse da «Sociedade» pelo que não seja interesse... para o seu cofre!...

O *cobra* demorou de Beja à Mina nada menos de 6 horas!!!... e se não fosse... «a gasolina» teriam os operários perdido o dia!!!... Tal o despalte destes macavencos que até pediram à Empresa da Mina para não conceder transporte aos produtos algavios que de Pomarão à Mina são conduzidos «gratís» nos wagons, isto com o fim do seu «Caminhão» ter mais que fazer, embora o público ficasse directamente prejudicado. Também nos informam que a Empresa da Mina a rogo ainda desta «Sociedade» de galopios, mandará lavar todos os lugares onde existem *elas* com o fito de obrigar todos os semeadores a proceder à debulha nas máquinas da referida «Sociedade»... em progresso! Nada que não...—E.

**Monchique**

**Um patrão modelar**

MONCHIQUE, 18.—Quando há dias informámos «A Batalha» da maneira revoltante como um industrial exercia a escravidão sobre os seus operários, por lapso não incluímos o que segue e que antecede a notícia de hoje.

Uma parte dos operários que aqui trabalham não são de cá, de maneira que, o patrão por intermédio dum seu empregado e família deste, tem uma casa de comidas que nós não sabemos bem, se é por conta do empregado se do patrão; o que sabemos é que as camas são por conta do patrão e que consistem numa saca cheia de apáras de cortiça, dois lençóis com 90 de largura por 1,70 de comprimento e que são mudados de quinze em quinze dias (naturalmente tira o exemplo lá por casa), e passa para quinze escudos por mês, se tem 30 dias, pois se tem mais um são mais 50 centavos.

Mas vamos à notícia.

Como o que mandámos dizer era a pura verdade, originou apogonizações que nunca mais acabaram, principalmente para os empregados e, especialmente, para o que tem a casa de comidas, pois, segundo ele diz, o patrão fecha a fábrica e ele (isto sabemos nós, não diz ele) vem um simples operário antes de para aqui vir, terá de ir trabalhar debaixo das ordens de outros, e isso não pode ele levar a bem de maneira nenhuma.

Este figurão teve tamanha irritação, que embriou com um dos homens que comiam em casa dele, e dormia nas camas do patrão, a ponto de o rapaz ter de dizer que já não iria comer. Resposta do tufurlo: «Não vens comer também não dormes» e mandou imediatamente tirar os lençóis e mantas da cama do rapaz. A noite vem o mesmo para se deitar, e como as camas são de conta do patrão e o empregado não tem nada com aquilo, ele pediu as mantas, as quais lhe foram negadas alegando que quem mandava ali era ele, e que se puzesse na rua.

Começou a discussão, azedaram-se os ânimos e o *todo lo manda* foi buscar um cacete que não chegou a servir pois o pobre rapaz foi-se embora, acompanhado de outro que indignado com tal procedimento deixou de comer e dormir naquela casa.

Não pensarás acaso este peitinho, que ainda ontem trabalhava debaixo do jugo de



# Livraria de A BATALHA

OBRAS DE LITTERATURA, CIÊNCIA E ENSINO.		MIRIBEA—O Jardim dos Suplicios..	
Abel Botelho—Amanhã.....	16\$00	Nogueira de Brito	4\$00
Alexandre Herculano.....		1—Memorias de Angela Pinto	15\$00
Lendas e Narrativas (2 volumes).....	18\$00	Passant,—Iniciação matematica.....	5\$00
Cartas (2 volumes).....	18\$00	Pargame—Origem da vida.....	8\$00
História da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal (3 vols.).....	27\$00	Oliveira Martins	
Adolfo Lima		Helenismo e a Civilisação Cristã.....	15\$00
Contracto do Trabalho.....	10\$00	História da Civilização ibérica.....	15\$00
Educação e ensino.....	5\$00	História da República Romana (2 volumes).....	30\$00
O ensinamento da história.....	1\$50	História de Portugal (2 vol.).....	30\$00
Aquilino Ribeiro.....		Race e Humanas (2 vol.).....	30\$00
		O Brasil e as Colónias Portuguezas.....	15\$00
		Cartas Peninsulares.....	15\$00
		Sistema das moedas e cédulas.....	

Amor e Fracasso.....	5000	.....	15000
Estrada de São Tiago.....	10000	Orlando Marçal.....	15000
Jardim das Tormentas.....	10000	Aguas claras.....	6000
Via Sinuosa.....	10000	Imagens de Sonho.....	1800
As Filhas da Babilônia.....	10000	Raul Brandão.....	1800
Terras do Demo.....	10000	Os Pescadores.....	10500
Augusto de Sousa.—Fólbis perdidas (Frêdo).....	10000	Os Pobres.....	10300
Bento Faria.—Missas nova (teatro em verso).....	1000	O Teatro.....	8500
Binet-Sanglé.—A loucura de Jesus.....	4000	Spencer—Da Educação (br.,\$500)/enc.	8550
Charles Darwin.—Origem das especie- cies.....	14000	Tolstol.—A sonata de Kreutzer.....	4000
Campos Lima.....	4000	Ana Karenine.....	5000
O Estado e a evolução do Direito.....	12000	Toulousse.—Como se deve educar o espírito.....	4000
O Amor e a Vida.....	5000	Victor Hugo.....	4000
Ceia dos Pobres.....	2000	França e Belgica.....	10800
A Revolução em Portugal.....	6000	O Reno (2 v.).....	15000
Buckner.—O homem segundo a sciência.....	12000	Os Miseraveis (2 grossos vol.) illus- trados, encadernados.....	40300
Força e Matéria.....	12000	Zola.....	12000
Duarte Lopes.—Frei Sangue.....	5000	A Taberna.....	5300
Eça de Queiroz.....	18000	Tereza Raquin.....	8900
O crime do Padre Amaro.....	15000	Alegria de viver (2 vol.).....	8500
O primo Basílio.....	18000	A conquista de Plassans, (2 vol.).....	20500
Mandarin.....	8500	Fecundidade.....	8500
Os Meias (2 vol.).....	2000	A fortuna dos Rougons, (2 vol.).....	9000
A Religião.....	2000	Uma página de amor.....	9000
		Dr. Pascal.....	8500

A Cidade e as Serras.....	12800	PUBLICAÇÕES SOCIOLOGICAS	
Fradique Mendes.....	9800	***- Organização Social Sindicalista	3500
Casa Ramires.....	15800	Antonelli. - A Rússia bolchevista.....	2500
Prosas Bárbaras.....	10800	Carr-Saunders. - A razão dum padre	5800
Ecoss de Paris.....	9800	Dufour. - O socialismo e a proximi-	
As Famílias Ramires.....	9800	dade na revolução social (Lusena)....	8500
Cartas de Inglaterra.....	9800	Emilio Bossi. - Cristo numa cisterna,	6800
Minas de Salomão.....	9800	Guy Williams. - Relatório dos do-	
Notas Contemporâneas.....	15800		

Últimas páginas.....	15\$00	...dados do I. W. W. ao congresso	
Contos.....	15\$00	da I. S. V. de Moscou.....	1\$00
Encrenha Haackel.....		Gladiador — A questão social do Bra-	
História da Criação.....	20\$00	sil.....	1\$50
Origem do Homem.....	5\$00	Gustavo le Bon.....	
Os enigmas do Universo.....	14\$00	As primeiras consequências da	
Monismo.....	4\$00	guerra.....	8\$00
Religião e evolução.....	6\$00	Ensinos mentais psicológicos da	
As maravilhas da vida.....	14\$00	guerra europeia.....	8\$00

... História da Infiliação Histórica.....	5800	... Psicologia da evolução de A. L. S. (eng.).....	6800
... Iniciação literária.....	10400	... Guyau.....	5800
... Família de Vasconcelos.....	5800	... obrigação de uma moral sem educação e hereditariedade.....	5800
... Problemas escolares.....	5800	... Hamon.....	4900
... Por terras de além mar.....	5800	... A conferência da paz e a sua obra.....	5800
... Ferreira de Castro.....	2850	... Ações da guerra mundial.....	8800
... Sangue Negro.....	8800	... O movimento operário da Grã-Bretanha.....	9800
... Sordas de Lirismo e de Amor.....	8800		
... F. Castro e E. Faria - A Bôca de Estômago.....	9800		

Flaminiar	500	Psicologia do socialismo-marxista	500
Iniciação astronômica	500	A crise do Socialismo	500
Contos de luar	500	A psicologia do militar profissional	500
Como se acabar o mundo	750	Henrique de O. Sindicalismo	400
Os balantes dos outros mundos	450	Heliodoro Salgado	400
Felix de Dantes, as influências austrais	1050	O culto da Imaculada	1050
Ateísmo	650	Jean Grave	500
Fialho de Almeida		A sociedade Futura	500

Esboço Galante.....	10800	Joseph e a sociedade.....	48000
Escalas de Arte e Saúde.....	9800	Joseph Eitor.—Unionismo indus-	
Figura de deusa.....	9800	trial.....	
Atores e Autores.....	9800	Julio Guesda, — Jeí da coroa.....	5900
Contos.....	9800	August Ebert.—Os I. W. W. na teo-	
A Esquina.....	9800	ria e na prática.....	35000
Aves Migradoras.....	9800	Krapotkins	
Barbear, Pentear.....	9800	— Amarquia, sua filosofia e seu ideal	19500
Cidade do Vício.....	9800	— A Grande Revolução (2 vol.).....	108000
Esquecido.....	9800	— A moral anarquística.....	

Pais das Uvas.....	9800	Os bastidores da Guerra.....	\$30
Saiam quintos.....	9800	O Estado e o seu papel histórico.....	\$30
Vida errante.....	9800	Lazare. — A Liberdade.....	\$50
Vida trágica.....	9800	N. Lévine. Os problemas do poder dos Sovietes.....	\$50
Guerra Insuperável. — A morte de D. João Mau em férias.....	10800	Landauer. — A Social Democracia em Alemanha.....	\$50
Os Simples.....	9800	Manuel Ribeiro. — Na linha de fogo. Marx. — O Capital.....	\$300
A velhice do Padre Eterno. (Edi- cação de luxo).....	7800		
	14800		

Brochado.....	10\$00	... e o Imperador. — Monarquia Jesuítica.....	3\$00
Gorki. — Os Degenerados.....	4\$00	Nietzsche.....	
Os vagabundos.....	N. Prata.....	Anti-Cristo.....	4\$00
N. Prata.....	2\$50	Genealogia da moral.....	4\$00
Ibsen. — Espectros.....	4\$00	Neno Vasco. — Ao Trabalhador Rural.....	3\$5
Casa de bonecas.....	5\$00	Georgicas.....	
Jacquinet. — História Universal, 2.ª.....	10\$00	Conceição A. — O Arquista do Sindicalismo.....	3\$00
Jaime Cortezão. — Adão e Eva (teatro).....	5\$00	A greve dos iaqueiros.....	1\$00

[illegible]

Neste momento, Serdan e Salaün Lebreñn, soltos pelos vassalos, entraram precipitadamente no cárcere.

Salaün bradou:

— Fugii!... fugii!... o castelo está todo a arder... o fogo já chega à falcoaria...

Salaün, que tinha ouvido as últimas palavras com que o filho raçoando se dirigia ao pai,

— O fogo!... O fogo!... gritaram de repente os camponeses, que tinham descido às prisões para soltar os cativos, e que, subindo a escada, atravessavam as faces banhadas e tão sincera a fé tinha esquecido sobre a sorte da dor absorviam-no

este, apertando-lhe as mãos nas suas:

— Irmão, juro por Deus que Nominóe, a pesar-da sua enorme falta, merece, senão o teu perdão, ao menos a tua piedade!...

— O fogo!... O fogo!... gritaram de repente os camponeses, que tinham descido às prisões para soltar os cativos, e que, subindo a escada, atravessavam

rapidamente o corredor que vinha dar aos cárceres. Em presença do perigo iminente, o ferreiro, Serdan, Salaún e o filho lançaram-se através dos negros turbilhões de fumo, e seguiram guiados pelos vermelhos reflexos que, da parte de fora, o incêndio projectava nos degraus da escada, através da porta, que neste momento parecia a dum forno aceso. Nominado

— Oh! que desgraça, meu Deus! que desgraça! o fogo devora o castelo!... E Berta?... Que será feito dela?... Onde está Berta?

— Está salva em segurança! respondeu Serdan, que ia ao lado de Nominó, e ouviu a pergunta. Os camponeses disseram-nos que, apenas se viram senhores do castelo, os seus companheiros tinham tratado logo de salvar a *sua boa menina*. Atrelaram uma carruagem, e nela partiu a menina de Plouernel, com a ama e um escudeiro para Mezléan. A plumaque assus-

...as últimas pala-  
te sempre tivera ao  
raço de Tankerü;  
tou-se tanto que morreu duma apoplexia tulin-  
nante.  
Tankerü. Serdan, Salaún Lebrenn e o filho subi-  
ram a escada subterrânea da falcoaria, que estava já

...as últimas pala-  
te sempre tivera ao  
raço de Tankerü;  
tou-se tanto que morreu duma apoplexia tulin-  
nante.  
Tankerü. Serdan, Salaún Lebrenn e o filho subi-  
ram a escada subterrânea da falcoaria, que estava já

...as últimas pala-  
te sempre tivera ao  
raço de Tankerü;  
tou-se tanto que morreu duma apoplexia tulin-  
nante.  
Tankerü. Serdan, Salaún Lebrenn e o filho subi-  
ram a escada subterrânea da falcoaria, que estava já

...as últimas pala-  
te sempre tivera ao  
raço de Tankerü;  
tou-se tanto que morreu duma apoplexia tulin-  
nante.  
Tankerü. Serdan, Salaún Lebrenn e o filho subi-  
ram a escada subterrânea da falcoaria, que estava já

...as últimas pala-  
te sempre tivera ao  
raço de Tankerü;  
tou-se tanto que morreu duma apoplexia tulin-  
nante.  
Tankerü. Serdan, Salaún Lebrenn e o filho subi-  
ram a escada subterrânea da falcoaria, que estava já





## LUTA DE CLASSES

## A Federação Corticeira Nacional procura lutar para conjurar uma crise que atinge milhares de operários

A Federação Corticeira Nacional acaba de editar um manifesto, que foi profusamente distribuído. Nesse documento são expostas com admirável clareza e notável poder de síntese as causas da crise que, afetando a indústria corticeira, contribuem para tornar precária a existência de milhares de operários. Apesar da falta de espaço não nos permitimos transcrever-lo na íntegra, vamos reproduzir uma parte — a mais longa e a mais importante — desse documento que deve interessar bastante os nossos leitores:

## As culpas do industrialismo na crise

O industrial ganancioso é cego nos salários do pessoal e perdulário na sua vida particular. Não cura de melhorar as suas fábricas, tornando-as de verdadeiras choças que alguns são em locais de trabalho, higiênicos e agradáveis. Não busca estabelecer a concorrência nos mercados pelo melhor aproveitamento da técnica dos seus operários e a consequente apresentação de produtos melhor fabricados.

Os mercados internacionais perdem-se pouco a pouco, porque a usura industrial leva à falsificação vergonhosa das qualidades de cortiça em prancha, em quadros e em rolos.

Por outro lado, o industrialismo, apesar de, como medida defensiva mais dos seus interesses, particulares do que dos interesses da indústria, ter reunido para assentar no preço a pagar pelas novas colheitas de cortiça aos lavradores, rompeu com o estabelecido e, para se fazer entre si concorrência, paga essas cortiças por preços exagerados, procurando arrancar as diferenças aos cansados braços dos seus operários.

Agora, congemina os industriais — sabemos nós, está disse informada a Federação Corticeira — apresentar surpresas contra os trabalhadores ao entrar das cortiças novas. Surpresas, que não de perverber, e ai dos trabalhadores se não se prepararem para enfrentar-las.

Em Moura, Sinês e outras localidades, alguns industriais, apoiados na incompetência jurídica de alguns fiscais técnicos da indústria, torcem o sentido à portaria de 21 de Novembro de 1910 e mandam trazeir em aparas os bocados a que se refere a citada portaria, o que vem contribuir para um maior agravamento da crise.

Prova-se assim que os industriais corticeiros não se preocupam, nunca se preocuparam com o desenvolvimento da indústria.

Que os operários rebentem de miséria? Que se maritimessem as famílias dos que os têm enriquecidos? Que a indústria se depauperasse e agonizasse? Não lhes importa. As fortunas amassadas no suor dos seus escravos, fruto dum exploração ignóbil que muitos deles exercem sobre mulheres que admitem em concorrência ao trabalho dos homens, quando amanhã a indústria lhes não garantir os lucros que eles ambicionam, essas fortunas, diziamos, servirão para outros ramos de negócio. O industrial de cortiças, sem probidade, passará a negociar, talvez, em batatas, vendendo-as por altíssimos preços aos operários que o *chômage* lançou para fora das suas fábricas.

Quando é que o industrial corticeiro tratou a sério da defesa da indústria que explora? Para isso não tem fé tempo.

Outro tanto não tem feito a Federação Corticeira, que, para obviar aos males atrás referidos e garantir à indústria uma situação que comporte as necessidades dos milhares de famílias que da laboração da cortiça vivem, já apresentou, recentemente, aos poderes constituídos, uma representação em que, entre outras medidas, preconizava:

«A importação livre dos direitos alfandegários de todas as matérias e ferramentas destinadas à indústria corticeira, adquiridas no estrangeiro, que se reconheça a sua superioridade às das nacionais, até que a indústria nacional esteja habilitada a fazer tais fornecimentos.

A isenção de contribuição industrial que pesa sobre as fábricas que manufacturam exclusivamente quadros, rolos e seus derivados, durante o período de dez anos, assim como para todo o operariado corticeiro.

Estabelecimento de carreiras de navegação entre o nosso país e os países orientais consumidores de cortiça manufacturada e de todos os seus derivados.

Redução de 50 %, nas tarifas do Caminho de Ferro do Estado, para transporte de cortiça em bruto das estações para as fábricas, bem como todos os produtos corticeiros manufacturados, assim como a realização de convênios entre as outras empresas ferroviárias que obedecem ao mesmo sentido.

A proibição de quaisquer engarrafamentos com rolos que não sejam de cortiça.

Estabelecimento de tratados de comércio com os países consumidores de quadros, rolos e derivados de cortiça, de modo a tornarem a sua entrada livre de quaisquer encargos alfandegários.

## As responsabilidades do Estado na crise

Noutros países onde o capitalismo também não tem querido ou não tem sabido resolver a crise, os governos no entanto, como sucede na Inglaterra, estabeleceram o subsídio oficial aos desempregados.

A tanto não vamos nós em Portugal. Nós não queremos a molida do Estado. Queremos viver da produção e da laboração dum indústria que quasi nos viu nascer.

Sob este critério, ainda a Federação Corticeira, na atrás referida representação, defendia entre outros os pontos seguintes:

«Que o Governo consiga junto dos industriais promover a colocação dos sem trabalho, garantindo-o de futuro aos que ainda o não têm, e em caso negativo:

Que seja fornecida aos Sindicatos operários matéria prima, alojamentos, utensílios e os créditos indispensáveis para os operários trabalharem, sendo aqueles sindicatos responsáveis pelos respectivos compromissos.

Uma vez que se não consiga obter quaisquer destas conclusões, promover a colocação dos desempregados em quaisquer

trabalhos dependentes do Estado, onde modesta e dignamente possam auferir o indispensável para se manterem, à semelhança do que já se tem feito em situações análogas.

## As nossas responsabilidades

«E o que tem feito o operariado da nossa indústria?

Pelo país fora, o operariado corticeiro quasi não esboça um gesto de defesa contra a situação de miséria em que o lançaram.

Nalgumas regiões, alguns operários, esquecendo lamentavelmente a inenarrável soma de sacrifícios expendidos — pessoais e colectivos — para a conquista das poucas regalias que usufruímos, prestam-se a traí-las regalias. O horário de trabalho não é respeitado.

Tal procedimento denota apenas ou uma absoluta ignorância das consequências ou uma absoluta cegueira provocada pela ânsia de ganhar o mais possível, sem se importar com os outros. Mas, vejamos:

Quando o operário não aulere, dentro dum horário estabelecido, o salário correspondente às suas necessidades, e recorre a transgredir esse horário com a prática de horas suplementares, nega a si mesmo a capacidade de melhorar de situação e contribui para a crise de trabalho. Acumbarando o trabalho rouba o pão aos lares dos seus camaradas e, faz, com os desempregados, andem, de porta em porta, a oferecer seus braços. E contribui para que o industrial, jogando com a oferta de braços, não só não melhore os salários como até os reduza e faça a escolha de operários.

Para debelar uma crise ou para melhorar os salários, os operários, em vez de trabalharem horas a mais deveriam, sem reclamar menor horário, pelo menos respeitar integralmente o horário estabelecido.

Não esqueçamos neste momento que, em alguns outros países, os trabalhadores irmãos nossos estão pugnando pelo estabelecimento das 6 horas de trabalho.

Trair uma qualquer regalia conquistada à custa de canseiras e, muitas vezes, do sangue dos nossos irmãos, é, pois, um acto criminoso.

Se para o industrial ganancioso e empedernido vai o nosso protesto contra as suas prepotências, para o operário que trai as nossas regalias vai a nossa indignação, profunda e sentida.

Mas na crise há também culpa de alguns sindicatos. A escolha de fiscais tem sido má, pois não se tem primado em investir desses cargos as criaturas mais competentes, tanto sob o aspecto moral como sob o aspecto da competência técnica. Daí uma série de incoerências e de escapadelas que redundam em prejuízo da indústria e no agravamento da crise.

## Os manipuladores de pão em Coimbra

defendem com energia a sua conquista de desano semanal

COIMBRA, 10. — A classe dos manipuladores de pão encontra-se bastante excitada, pelas pretensões da autoridade em querer cercar a esta laboriosa classe o descanso semanal.

Os manipuladores de pão conseguiram que o seu descanso recaia ao domingo, após uma porfiada e tenaz luta da classe. Hoje mesmo, se tem de facto o descanso almejado, é devido a um enorme esforço despendido, pois tem que coser, de sábado para domingo, o pão suficiente para o consumo da cidade durante dois dias.

Esta situação mantém-se há já alguns anos a contento de todos, pois nem o industrial é prejudicado, porque os operários lhe apresentam o serviço de dois dias, nem o público, que tem a sua subsistência garantida.

Não o entende assim, porém, o governador civil, que parece estar disposto a modificar o regulamento do descanso semanal, de molde a haver pão mole às segundas feiras.

Como para haver pão mole à segunda feira, o operário padeiro terá de trabalhar ao domingo, começando logo lavrando grande agitação na classe.

A direcção do sindicato convocou imediatamente a classe para uma sessão magna, ao mesmo tempo que publicava um pequeno, mas enérgico manifesto, incitando a classe à defesa das suas regalias.

Essa reunião efectuou-se na última segunda feira, pelas 12 horas, com uma concorrência extraordinária, podendo dizer-se que nem um só operário de padaria faltou àquela sessão.

Estavam presentes, também, alguns operários de Alfaias, que têm mais ou menos interesses ligados aos seus camaradas de Coimbra.

Falaram entre outros Manuel de Almeida, Mário Martins Moreira, Custódio Rosa e José do Cabo, tendo sido todos unânimes em aconselhar a classe a que se apreste para a defesa das suas regalias.

Foi apresentada uma proposta para que se nomeasse uma comissão que se avistasse com o governador civil.

Esta proposta foi reprovada por maioria, pois a classe entende que nada tem que ver com aquela autoridade. O seu descanso é ao domingo e não há ninguém que a possa obrigar a trabalhar nesse dia.

Os trabalhos decorreram com a maior animação, tendo sido a sessão encerrada no meio de grande entusiasmo, ficando marcada outra sessão para a próxima segunda feira, 23.

Antes de se encerrar a sessão foi aberta uma «quete» a favor de A Batalha, que rendeu 70 escudos.

## Um acidente de trabalho...

No banco do hospital de São José, foi pensando e recolheu depois a casa, António Francisco, de 42 anos, natural de Pera do Moço, polícia civil n.º 1.293, o qual, quando perseguia uns rapazes que, do Campo dos Mártires da Pátria, andavam fazendo campo de futebol, caiu, ficando ferido na mão direita e nos joelhos.

## A crise de trabalho no Algarve continua sem solução

A crise de trabalho no Algarve persiste sem que ninguém tome providências para debelá-la.

A questão da pesca tem contribuído imenso para aumentar a falta de trabalho. Sobre este assunto foi ontem entregue ao ministro da Marinha a seguinte representação:

Ex.º Sr. Ministro da Marinha, da República Portuguesa: — A classe marítima de Faro, reunida em sessão magna, para apreciar a sua difícil situação, em face da grave crise de pesca que avassalou assustadoramente a província do Algarve, resolveu vir perante V. Ex.º fazer as reclamações abaixo indicadas, cõscia de que, defendendo os seus interesses marítimos e colectivos, defende também uma importante parcela da economia do país, não esquecendo ainda os sagrados interesses do povo consumidor.

E tão justas e justificadas são essas reclamações, que não faltaremos a verdade nem à lealdade, afirmando que elas encontram plena aprovação, no saber e na justiça das mais competentes e austeras autoridades marítimas que pelo competente, digo, que pelo departamento têm passado.

Excellência: — É a ria de Faro uma importante fonte de riqueza nacional, que urge defender com carinho e sem delongas do condenável egoísmo de alguns e da ignorância crassa e lamentável doutros, para que não assistamos, ao menos, sem esperança, à continuação dessa desfilada trágica de um povo, que a Natureza fez rico, para o largo cemitério das nações que morrem na miséria, cavada por suas próprias mãos.

Sim, Excellência, a ria de Faro é hoje, como há cem anos, explorada sem ciência nem consciência, calcando-se desastrosamente os mais elementares princípios de defesa que a ciência já hoje pode impor como axiomas. E a continuarmos por esse caminho criminoso e desastroso, dentro em breve a grande e rica ria de Faro, não passará de um grande e improdutivo campo de lamas que, para o algarvio só poderá representar um mauoleu de riquezas perdidas ingloriamente.

E no intuito bem legítimo de evitar mais essa calamidade, tem a classe marítima de Faro a honra de apresentar respeitosamente a V. Ex.º as seguintes reclamações:

a) Não conceder autorização para mais tepada alguma, procurando-se antes reduzir, conforme a sua justiça indicar, até à sua extinção, o número das existentes, por estar provado pela prática que tal processo de tapadas não traz sequer um abastecimento regular e equitativo.

b) Proibir os tapa-esteiros nas praias de terra firme, nos meses de Maio, Junho, Julho e até 15 de Agosto, por dar lugar à morte infil de muita criação.

c) Proibir igualmente que as mulheres e crianças apanhem marisco, visto que, não sendo profissionais, estragam o terreno, aproveitando apenas uma pequena parte da colheita.

d) Dotar o porto de Faro com propriedades lanchas-automóveis e pessoal competente, a fim de que a fiscalização pedida possa ser um facto. — Faro, 16 de Agosto de 1926. — A comissão, aa) Manuel José Marrião, Bernardo da Luz Morgado, José Pedro Pau.

Secção Telegráfica

Federações

METALURGICA

Sindicato Unico Metalúrgico do Porto. — Segue expediente; acusem recepção.

Sindicato Unico Metalúrgico da Marinha Grande. — Segue expediente; acusem recepção.

JUVENILS SINDICALISTAS

U. S. O. de Setúbal. — Respondam urgentemente aos nossos officios.

Aos Núcleos. — Respondam às nossas circulares.

Secção de Propaganda do Norte. — Recebemos officio. Segue resposta.

Núcleos do Barreiro e Portimão. — Recebemos officios.

Receberemos officios.

Receberemos officios.

Receberemos officios.

Receberemos officios.

Receberemos officios.

Receberemos officios.

Receberemos officios.

Receberemos officios.

Receberemos officios.

Receberemos officios.

Receberemos officios.

Receberemos officios.

Receberemos officios.

Receberemos officios.

Receberemos officios.

Receberemos officios.

## CARTA DO PORTO

## Os comerciantes pretendem elevar a carestia da vida

PORTO, 18. — Na última sessão da Câmara Sindical do Trabalho salientaram-se dois perigos que urge tratá-los de perto com aquele «carinho» inerente a todos os problemas de reconhecida gravidade.

Não bastando já as circunstâncias afilivas impostas desoladoramente pela cada vez mais avolumante crise de trabalho, vai gradualmente dando a sua entrada segura no terreno das espezterias explorativas o encarecimento provocativo de alguns géneros de primeira necessidade.

O comércio, falando — falando, sim, porque nós temo-lo ouvido algumas vezes a determinados negociantes — das «desinteligências» operárias que supõe terem morto por completo toda a resistência das vítimas, julga o momento propício para, novamente, iniciar uma ofensiva esbucadora contra os consumidores pobres, porque os ricos têm sempre campo aberto onde possam à vontade ressarir-se dos «prováveis prejuízos».

Ora a juntar-se à praticabilidade calculada do agravamento do preço das coisas com que o comércio vai ensaiando o seu funesto «jazz-band» de desequilíbrio económico para as classes desprotegidas, engrossam os rumores no ambiente dos trabalhadores sobre a próxima promulgação, insistentemente reclamada pelos industriais, do decreto que instaura no país o famigerado sistema das 10 horas de trabalho.

Poderíamos estar descansados gostosamente, se tivéssemos a certeza de que o que ouvimos no quartel general desta cidade, quando lá fomos levar umas provas para a censura, estava perfeitamente integrado nos domínios positivos duma verdade inofensiva.

A propósito de um artigo que indicava ao proletariado as intenções governamentais tendentes ao restabelecimento das 10 horas de trabalho, um official do exército afirmou que tal atoarda é obra de especuladores, de agitadores integralistas para armarem à intriga, porque assim lhes convém. O governo não pensou em semelhante coisa — e pena é que andemos todos envolvidos em baixas intrigas, quando poderíamos viver todos em boa harmonia.

E como assim o julga o referido official do exército, ele cortou a alusão às 10 horas, para que se não dê vulto aos propósitos boatos dos integralistas... certamente paratons.

Pode ser que se trate, de facto, de maneios ensaiados dos inimigos do proletariado mas o que é certo também é que se buzina à boca cheia acerca da alteração, para breve, do regime do horário do trabalho.

Ora na Câmara Sindical do Trabalho, ponderando-se fragmente a falta de trabalho, o novo esboço do encarecimento da vida e a tentativa, para maior contrapelo, do ampliação do período normal do trabalho... por escassas conta-gotas — leva-se tudo isso à conta de uma bem combinada represália contra o proletariado por ele, aqui atrás e quando estava melhor unido, ter tido a ousadia de lutar pela conquista de umas regateadas melhorias económico-sociais.

Reconhecida, portanto, esta desforça que está sendo posta em trânsito com todas as características de rude implacabilidade, foi também patenteada a urgente necessidade de se acorrer ao seio dos trabalhadores adormecidos para que eles se agitem num despertar de defesa própria, demonstrando à reacção patronal que a sua desunião não é tanta que se deixem covamente morrer, totalmente esmagados pelo peso das maiores torpesas.

E para que esta acção de rejuvenescimento proletário — já que estamos em tempos de restauracionismo — tenha immediato andamento, na próxima terça-feira deve efectuar-se, na C. S. T., uma reunião extraordinária de direcções e delegados, à qual a C. A. da central local apresentará um parecer sobre a actividade a desenvolver-se contra o prolongamento da jornada de trabalho, contra o *chômage* sempre crescente e contra a usura comercial que novamente está a distender as garras — três terribes «fôrças» económicas que estrangulam impiedosamente a existência dos pobres operários em lágrimas.

Receberemos officios.

Receberemos officios.

Receberemos officios.

Receberemos officios.

Receberemos officios.

Receberemos officios.

Receberemos officios.

Receberemos officios.

Receberemos officios.

Receberemos officios.

Receberemos officios.

Receberemos officios.

Receberemos officios.

Receberemos officios.

Receberemos officios.

## VIDA SINDICAL

## Comissão de Federações

Reuniu ontem esta comissão, tendo tomado conhecimento das respostas enviadas por alguns organismos à circular que lhes foi enviada, para que se pronunciassem sobre as resoluções tomadas na reunião de Federações no respeitante à substituição do Conselho Confederal.

Como o número de organismos que responderam incluindo os que reuniram atinja uma grande maioria dos que constituem o Conselho Confederal, a comissão resolveu officiar ao Comité Confederal para que convoque o mais urgentemente possível o Conselho Confederal a fim de dar cumprimento às resoluções tomadas na dita reunião.

A comissão mais uma vez convida os organismos que ainda não se pronunciaram a faz-lo com urgência.

**Trabalhadores do Tráfego.** — Este sindicato declara infundamentada a afirmação atribuída a uma comissão de marcadores do porto, contida numa entrevista publicada no *Diário de Notícias*, segundo a qual os trabalhadores do tráfego são pouco zelosos nos lugares de actividade. A verdade é que a demora nas descargas se deve a uma ordem que o conselho de administração do Porto não quer anular. A falta de prática de vários marcadores complica mais a situação.

## COMUNICAÇÕES

**Federação Nacional dos Operários da Construção Civil.** — Com a presença de delegados de 19 sindicatos, reuniu na passada quarta-feira o Conselho Federal ao qual foi lido officios das Secções Federais de Propaganda no Norte e Sul. O conselho occupou-se largamente do estado organico das secções, que devido à falta de elementos têm encontrado dificuldade em poderem desempenhar a sua missão, e nestas condições tomou resoluções tendentes ao robustecimento e reorganização de alguns sindicatos do Norte e Sul.

Foi apreciado um officio de Coimbra comunicando a possibilidade da reorganização do Sindicato da C. Civil daquela cidade, e em face disto foi resolvido iniciar imediatamente trabalhos para se conseguir esse objectivo.

Foi apreciado um officio da Federação da C. Civil de Alemanha, a qual comunica que, de comum acordo com a Federação da C. Civil de Holanda, se constituiu uma comissão nomeada por ambas as Federações, incumbida pela A. I. T. segundo resoluções do seu último «pleno», que já iniciou trabalhos para a realização duma conferência internacional dos organismos sindicalistas reorganizados da construção civil, na qual se fundaria a Federação Sindicalista Internacional dos Trabalhadores da Construção Civil, e para a referida conferência convidam a sua congénere de Portugal.

O officio que vem acompanhado dum projecto de estatutos, ordem de trabalhos da conferência, e um importante questionário, foi devidamente apreciado, e entendendo à importância do assunto, o conselho nomeou uma comissão que procederá ao seu estudo e na próxima reunião apresentará o seu parecer.

A comissão revisora de contas apresentou o seu parecer referente ao 1.º trimestre do corrente ano sendo aprovado.

Foram tomadas resoluções no sentido de chamar a atenção de todos os sindicatos do país, para as «demarches» que a Federação vem realizando junto do governo com o objectivo de conseguir medidas que atenuem a crise de trabalho e de habitação, e neste sentido foi resolvido enviar uma circular a todos os sindicatos.

Foi apreciada a nota officiosa já publicada, e na qual a Federação coloca os operários da construção civil de sobreaviso contra a pretendida alteração de 8 para 10 horas da lei do horário actualmente em vigor, esperando a Federação que os sindicatos dêem immediato cumprimento ao exposto na referida nota.

Foi resolvido convidar Pedro Pulido Júnior e outros delegados que não têm comparecido às reuniões do conselho, a reaparecerem as suas delegacias e indicar-se aos sindicatos de Faro, Vizeu e Messines para seus delegados respectivamente Jorge Mateus, Quirino Fernandes e Manuel Vinhais.

Foi resolvido officiar-se ao Sindicato de Tires para que defina com urgência a situação do seu delegado ao conselho, e por fim foram tratados assuntos de ordem geral, terminando a reunião às 0 horas.

## CONVOCAÇÕES

## REUNEM-SE HOJE:

**S. U. Mobilizário.** — Às 18 horas, (saída das officinas) as comissões administrativa e de melhoramentos para um assunto urgentíssimo e de gravidade.

A mesma hora deve comparecer todo o pessoal polidior da casa José Olairo para um assunto de seu interesse.

**Marinheiros e Moços.** — Pelas 21 horas, assembleia geral, para assuntos de classe.

**S. U. C. Civil.** — Pelas 21 horas, a comissão escolar, para tratar da organização de uma festa em favor de A Batalha.

**Federação Ferroviária.** — Pelas 19 horas, a comissão executiva deste organismo, para tratar de assuntos importantes.

## SINDICATOS DA PROVINCIA

**Câmara Sindical do Trabalho do Porto.** — O Conselho Geral da Câmara Sindical do Trabalho, reunido na terça-feira passada, occupou-se novamente da questão suscitada dentro da C. G. T. Depois de lida a acta da sessão anterior, censurou-se o procedimento de O Primeiro de Janeiro, por ter deturpado as conclusões da moção que fora aprovada na última reunião do Conselho acerca do referido conflito na Central Operária Portuguesa. Resolveu-se fazer sentir à empresa daquele diário a má-gua da Câmara, indicando-lhe para que, a ter de truncar completamente os seus documentos, é preferível não os publicar.

Lida uma circular da Comissão nomeada na reunião das Federações, foi também tomado conhecimento de uma extensa carta enviada por um camarada que presentemente se encontra na capital, documento que sucintamente historia os encapitados maneios despolvidos de longada pelos comunistas para que a organização operária portuguesa seja habilidosamente desviada da sua directriz demarcada nos congressos.

Reúne na próxima segunda feira, pelas 20 e meia horas.

**A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS.** livro util às boas donas de casa. Preço 2\$00; por correio, 2\$50. Pedidos a administração de A Batalha.

**Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade**

Reúne na próxima segunda feira, pelas 20 e meia horas.

**A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS.** livro util às boas donas de casa. Preço 2\$00; por correio, 2\$50. Pedidos a administração de A Batalha.

Reúne na próxima segunda feira, pelas 20 e meia horas.

Prevaleceu o critério de que a posição tomada pela Câmara Sindical tem de ser reforçada, reconhecendo-se que o consideramos e a conclusão correspondente expressa na citada moção, dando o grilo de alerta pelos princípios básicos da C. G. T., tinham razão de ser — e agora muito mais, em consequência das manobras moscovitárias, aproveitando-se do incidente, se estarem cada vez mais evidenciando.

Ouvidas diversas considerações feitas pelo secretário geral e dos delegados dos Confeiteiros, dos Mobilizários e dos Gráficos — o C. G. T. enendeu que a organização do Norte deve, enérgicamente, romper todo o fôgo, de molde a que os políticos moscovitários não ponham — segundo a expressão acertada — pé em ramo verde — por forma a que a orientação revolucionária e ideológica insuflada no Congresso da Covilhã seja integral e insofismavelmente respeitada. Logo que se dê dentro da C. G. T. o primeiro atentado contra as bases estruturais do sindicalismo revolucionário inspirado na Organização Social Sindicalista, deve-se, até, elaborar um documento orientador da atitude enérgica que a organização do Norte tem a trilhar.

Aprovou-se, por unanimidade, a seguinte proposta, apresentada pelos delegados dos mobilizários:

«Propomos para que os delegados dos diversos sindicatos aderentes à Câmara Sindical do Trabalho, do Porto, vão expor, dentro dos seus organismos, as intenções dos políticos moscovitários de se apoderarem da C. G. T., a fim de que os mesmos organismos reclamem para que os delegados pelas Federações a nomear à mesma C. G. T., reúnam qualidades de trabalho, de moralidade e de inteligência — e que respeitem as resoluções dos congressos da Covilhã e de Santarém.»

A requerimento do delegado dos litógrafos foi depois lido um extenso documento de Manuel Joaquim de Sousa, o qual não pôde antes para que não acusassem a C. A. de qualquer parcialidade. Atendendo às acusações graves que nele são feitas ao delegado do S. U. do Mobilizário do Porto junto da respectiva Federação de indústria, os delegados do Mobilizário requereram cópia daquele documento para que, certificada a verdade, seja feita a devida justiça, pró ou contra.

Também foi lida uma circular dimanada pelas Federações das Juventudes Sindicalistas e União Anarquista Portuguesa, sendo tomado na devida consideração.

## JUVENILS SINDICALISTAS

**Núcleo de Lisboa.** — Secção do Alto de Pina. — Reúne-se hoje, pelas 21 horas, a comissão reorganizadora.

**Secção de Belém.** — Reúne-se amanhã, pelas 13 horas, a comissão de inquérito, conjuntamente com o secretariado seccional.